



A VOZ ROUCA

que não se cala

#3

A Voz Rouca

DIA 28 NÃO TEM AULA



Diversas categorias já começam a se preparar para a paralisação de 28 de abril contra a terceirização e as reformas da previdência e trabalhista. Por dentro ou por fora dos sindicatos, os professores têm se organizado nas últimas semanas para parar.

No dia 8, cerca de 200 professores da rede privada reunidos em assembleia no sindicato votaram pela adesão da categoria à paralisação, com um comando de greve aberto. Os professores da rede pública também já decidiram parar.

As decisões da assembleia do Sinpro só confirmaram iniciativas de organização que já vinham ganhando corpo autonomamente em diversas escolas. **Em muitos colégios, os professores já fizeram assembleias internas e aprovaram a paralisação, mas aguardam a divulgação à comunidade para anunciar publicamente a decisão.** Outras formas de mobilização para preparar o terreno, como debates, cartas abertas, vídeos,

e zines produzidos pelos trabalhadores, também estão sendo organizadas. Em vários casos, os professores estão articulados com os funcionários, incluindo terceirizados, procurando respaldar as categorias mais vulneráveis à intimidação patronal, cujos sindicatos estão inteiramente parados.

CONSTRUIR A GREVE

Nosso desafio agora é organizar o movimento em cada escola.

De uma conversa na sala dos professores ou no corredor, já pode sair uma reunião para discutir a greve. Como faz muitos anos que nossa categoria não se mobiliza, muita gente vai dizer que “aqui é impossível”. Mas são cada vez mais exemplos de colégios onde o que parecia impossível está se tornando realidade.

Uma vez que o sindicato já decretou a greve, todos os professores já estão no direito de parar, sem necessidade, pela lei, de realizar mais assembleias, nem de

avisar a direção com antecedência. Ainda assim, as assembleias em cada escola são importantes para a construção coletiva do movimento.

Qualquer um pode ligar para o sindicato e pedir para um representante ir à escola levar material de divulgação e falar na reunião pedagógica. O comando de greve está marcado para o dia 17, às 16h no Sinpro (R. Borges Lagoa, 208).

Mas não podemos depender do sindicato. Por isso, já está marcado um novo encontro aberto de trabalhadores do ensino privado para nos ajudarmos nessa construção, compartilhando experiências de cada escola e planejando ações conjuntas:

19/04: 2º ENCONTRO DE TRABALHADORES DO ENSINO PRIVADO

18h30 na Ocupação Aqualtune (R. Butantã, 233 - metrô Faria Lima)

Escolas de idiomas mostram o futuro do trabalho na educação



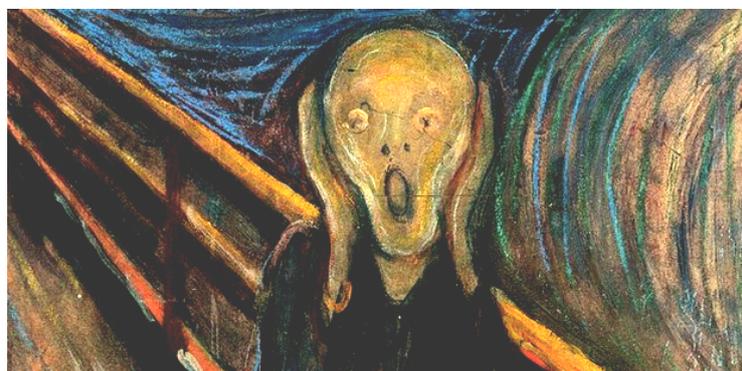
O futuro das grandes redes privadas já é realidade para os trabalhadores das escolas particulares de idiomas. Com a aprovação da lei de terceirização, a precarização tende a crescer em todo o ensino privado.

Uma boa parte dos trabalhadores de redes como Wizard, CNA, Wise Up, entre outras, não tem acesso a direitos básicos. Metade não tem registro em carteira, pouquíssimos têm plano de saúde e um vale alimentação de ridículos 70 reais por mês. Para os professores horistas, não há salários em julho, dezembro e janeiro, quando as escolas ficam fechadas. Para os outros funcionários, em boa parte já terceirizados, os salários são baixos, a carga horária é enorme. As metas de vendas e retenção de clientes (ou seja,

manutenção dos alunos) são impossíveis de bater e, mesmo quando atingidas, não resultam em bonificação. O professor que bate metas de retenção (que giram em torno de 95%) não tem garantia nenhuma de que não será demitido; para os que não conseguem, diminuição salarial ou demissão. Com a terceirização, todo esse quadro tende a piorar e se generalizar para as outras escolas. E para os trabalhadores do ensino de idiomas, que sequer têm registro em carteira, com a reforma da previdência a aposentadoria ficará ainda mais distante. Carga horária ainda maior, remuneração ainda mais baixa, nenhum acesso a direitos e trabalhar até morrer: essas são as nossas perspectivas se ficarmos parados!

SESI já começa a terceirizar professores em Marília

Menos de uma semana após a sanção da lei que permite a terceirização de atividades-fim, já surgem as primeiras notícias de empresas contratando professores terceirizados. Em Marília, no interior de São Paulo, o Posto de Atendimento ao Trabalhador anunciou a abertura de um processo seletivo para vagas de professores de fundamental sob regime de trabalho temporário, com contrato de 30 a 60 dias, em uma escola do SESI – onde, em geral, a entrada era por concurso público. Se alguns ainda imaginavam que fosse demorar para a terceirização chegar nos professores, parece que a tendência é que ela venha rápido.



Relatos da mobilização nas escolas

Colégio Equipe

“No dia 31/03, paralisamos a última aula da manhã e a primeira da tarde para realizar uma assembleia geral dos trabalhadores da escola que juntou 70 pessoas – entre professores, assistentes e funcionários da manutenção, limpeza, cozinha e coordenação –, praticamente todos vestidos de preto, com a idade de aposentadoria no peito. Tivemos que madrugar para a segunda assembleia, marcada para as 7h da manhã do sábado seguinte, antes do seminário interno do colégio, e cheia apesar do horário. Estamos nos mobilizando para o dia 28 e há a ideia de realizar uma aula pública em alguma praça nessa data, além de organizar um debate nas próximas semanas e produzir um zine sobre as reformas.”

Gracinha

Depois da aprovação da greve na categoria, os professores se reuniram em assembleia e lançaram uma carta que circula nas redes sociais junto com a hashtag #28euparo. “Nós, professoras e professores do Gracinha”, escreveram, “estamos aderindo às mobilizações e à luta pela proteção de direitos, abrindo o diálogo com outras escolas, demais categorias de trabalhadores (...)”.

Colégio Ítaca

“No Ítaca, um grupo de professores dos três ciclos se reuniu no dia 10/04 para debater a importância da mobilização e de um posicionamento público. O movimento está ganhando força e está proporcionando, inclusive, melhores possibilidades de comunicação entre os professores. Há o entendimento de que existe alguma sensibilidade, por parte da instituição e por diversas famílias, em relação às questões em pauta. O grupo debateu, inclusive, que essa pauta deve se ampliar e incluir temas relacionados a movimentos nacionais de repressão aos professores, bem como às reformas diversas no campo da educação e das relações de trabalho. Há a preocupação, no entanto, em como viabilizar o apoio de alunos e famílias, em vista do clima político do país. Uma assembleia está convocada para o dia 17/04, com indicativo de adesão à paralisação do dia 28 e ao movimento de professores na cidade. Atividades para as semanas que antecedem a paralisação também serão preparadas e uma carta aberta à comunidade será divulgada a partir da assembleia.”

E na sua escola, como está a mobilização? Mande o seu relato para a próxima edição do boletim: